

## NOEL ROSA: A ENTONAÇÃO DOS DESPROVIDOS

Wagner Vieira Soares<sup>1</sup>

**Resumo:** Este artigo apresenta uma reflexão sobre o conceito da poética do samba de Noel Rosa sob a ótica social, cuja temática são os desprovidos da cidade do Rio de Janeiro do final da década de 20 e início da década de 30 do século XX, e como a classe menos favorecida da cidade carioca vem se expor por meio de suas canções. Antônio Candido, Nicolau Sevcenko, Mayara Pinto, Anderson Brandão, Marta Abreu, Célio Borba May, Paulo Lins, Zygmunt Bauman, Luís de Camões e Antônio Martins vêm auxiliar-nos no entendimento histórico-social dos poemas do poeta da Vila em sua época. É apresentado na poesia um eu lírico que se mostra como um malandro e que transita entre a ordem e a desordem da sociedade carioca.

**Palavras-chave:** Noel Rosa; malandro; ordem e desordem.

### Considerações Iniciais

Ao observarmos a cadência do samba carioca das décadas de 20 e 30 do último século, notamos o culto à malandragem e à boemia que, naquele tempo, era bem evidente. Noel Rosa convivia e respirava esses ambientes da Cidade do Rio de Janeiro. Retratava em sua poesia o autêntico malandro carioca que veio a ter voz de maneira divertida e bem caracterizada em sua lira. Sua contribuição para esse estilo musical foi de grande importância, pois o coloca em um cenário que não era benquisto, por refletir um estilo das massas emergentes.

A professora Mayara Pinto, da Universidade de São Paulo (USP), no texto *õNoel Rosa: Uma poética do sambaö*, nos diz que Noel é marcado no samba carioca na década de 30 do século XX pela linguagem coloquial de seu discurso nas letras de seus sambas, sendo que todos os compositores da época utilizavam esse recurso para serem melhores interpretados. O que o destaca, segundo a autora, é que nessa época há a inclusão de traços do discurso prosaico nos efeitos do discurso poético. O samba está em período de formação e ele cria subsídios para a construção de uma poética para os novos tempos modernos. Noel é um dos responsáveis por propiciar credibilidade ao samba na sociedade carioca, unificando a favela ao asfalto. Ele é autor de uma obra paradigmática na canção popular urbana no Brasil.

Na década de 30 do século XX, novos padrões estilísticos para as letras de música foram estabelecidos; dentre eles, criou-se o formato da canção composta por estribilho e uma segunda parte que

---

<sup>1</sup> Graduando do Centro Universitário UNIABEU, cursando o Curso de Letras.  
E-mail: [wagnervieira\\_rj@hotmail.com](mailto:wagnervieira_rj@hotmail.com)

pode se desmembrar em várias estrofes. Mayara Pinto nos revela que Noel Rosa insere um novo aspecto entoativo nas melodias, sua marca particular, pois o samba até aquela época se assemelhava ao maxixe. Dessa forma, foi construído um novo paradigma na música popular brasileira.

Essa nova tipologia musical tem seu nascimento na favela do Estácio com os compositores Ismael Silva e Nilton Bastos. Noel Rosa, homem de classe média, se aproxima desse novo gênero musical e o defende dentro quadro cultural brasileiro.

Como gênero de canção popular, o samba sugere um efeito de sentido ôdespretensiosoô, coloquial, familiar, que induz o ouvinte a um jogo lúdico de canto e dança numa intimidade prazerosa, de entrega do corpo ao ritmo, à melodia, à poesia. No caso da obra de Noel Rosa, os traços prosaicos presentes na canção, não só na letra, constituem uma contribuição importante para a criação desse efeito de sentido. (PINTO, 2011, p. 103).

O ritmo, a melodia e a poesia são fundamentais para que o samba possa ser de boa qualidade. A entonação proposta por Noel Rosa faz com que o prazer esteja presente tanto em seus versos quanto na melodia, criando assim uma harmonização prazerosa para o ouvinte.<sup>2</sup> Esse ouvinte se vê representado pela música de Noel, que o caracteriza de maneira cômica e atraente, criando assim uma nova identidade que veio a ser a do malandro. Essa identidade vigorou até 1938, quando o período ditatorial do Estado Novo assume o poder governamental e edifica um novo perfil que veio a ser do trabalhador. A despreensão de Noel Rosa está ligada a sua subjetividade, que é entoada com a despreocupação e a retratação da malandragem do carioca. Esse eu lírico criado por ele é um espelho do homem carioca que quer viver sem preocupações, problemas. Ele apenas quer viver os prazeres da vida. A estrutura poética de<sup>3</sup> Noel Rosa convida a população mais elitizada a conhecer o genuíno samba dos morros cariocas que estava marginalizado na época. A entoação dos desprovidos seria essa aproximação da cultura negra que estava à margem da lei com a cultura do homem branco de classe média que entoava um ôgrito poéticoô para tirar da marginalidade uma cultura considerada naquele tempo de baixo calão.

Dos anos vinte aos trinta, a discriminação por causa do samba é bastante expressiva devido à música ser oriunda dos estratos sociais menos favorecidos. Nesse momento, os cortiços vieram à ser demolidos, obrigando a população desfavorecida a habitar os morros, criando, assim, as<sup>4</sup> favelas,

<sup>2</sup> Antônio Candido em seu artigo *Dialética da Malandragem*, afirma que o primeiro malandro que aparece na literatura foi através da obra de Manuel Antônio de Almeida, *Memórias de um sargento de milícias*, e sua análise também serve para as poesias de Noel Rosa. Ele nos diz assim: ôNas memórias, o segundo estrato é constituído pela dialética da ordem e da desordem que manifesta concretamente as relações humanas no plano do livro, do qual forma o sistema de referência. O seu caráter de princípio estrutural, que gera o esqueleto de sustentação, é devido à formalização estética de circunstâncias de caráter social profundamente significativas como modos de existência; e que por isso contribuem para atingir essencialmente os leitoresô. (CANDIDO, 1970, p. 77)

<sup>3</sup> Nicolau Sevcenko no livro *História da vida privada no Brasil Vol. 3*, nos explica dessa forma a visão de Noel Rosa sobre a sociedade de seu tempo: ôEra Noel Rosa, o poeta da Vila Isabel, que introduzia, de forma definitiva, a incerteza da vida íntima e dos sentimentos no interior da própria filosofia que inspirava a mecânica da ordem republicana: o amor individual e o ôamor da humanidadeô. Aqui, nova redundância paródica: a figura da mulher, a musa da República, que os positivistas representavam solenemente inspirando-se em Clotilde de Vaux, agora aparece em flagrante desobediência (íntima) aos ditames de Comte. Surpreendemos, nos versos de Noel, aquele estado de malícia ao captar a singular conexão entre o individual e o público, mas também uma amargura anônima, um lirismo cômico e desdenhoso sofrimento em relação aos distantes espaços coletivos e à duração temporal ô atitude ambivalente mediante a qual ôcontinuamos a ver o que não está mais à vista, ouvir o que já não soa e dizer o que já não convém...ô (SEVCENKO, 1998, p. 349).

<sup>4</sup> Nicolau Sevcenko no livro *História da vida privada no Brasil Vol. 3*, nos explica como surgiu o nome favela para as comunidades emergentes da época: ôNa vizinhança do Cabeça de Porco, surgia a ôFavelaô, apelido que seria dado ao morro da Providência pelas tropas vindas de Canudos em 1897, as quais estacionaram ali e acabaram denominando o local desse nome por associação a plantas com favas, comuns tanto no morro carioca quanto nas cercanias do arraial de Antônio Conselheiro, o Belo Monteô. (SEVCENKO, 1998, p. 141).

comunidades à margem da lei. A maioria pobre não obtém os meios para conseguir empregos nas cidades. Muitas vezes, são forçados a praticar atos ilícitos. Isso cria um estigma para o samba naquele tempo, que seria música de marginalô.

A marginalidade de grande parte da população negra vem a acontecer devido à problemática abolição da escravatura, que não se preocupa com a situação laboral dos negros libertos. Causando, assim, um verdadeiro colapso social na época.<sup>5</sup> Muitos foram para os cortiços que, no início do século passado, vieram a ser demolidos pelo prefeito da Cidade do Rio de Janeiro, Barata Ribeiro.

Anderson Brandão, (UFRJ), em: *Entre as ruas, bares e becos: ecos e histórias na música popular brasileira*, nos diz que:

Desses morros, como forma de resistência aos processos de expulsão, de conformação aos ideais das elites urbanas que veem os recém-favelados com maus olhos, apesar de precisarem de sua força de trabalho, surge um tipo de música que tradicionalmente herda do lundu (seu parente próximo), e das marchas carnavalescas (tais marchas são oriundas do ritmo cadenciado das marchas dos negros nas cidades, a serviço de seus senhores) características que, a partir desses guetos, estende todo seu poder de representatividade pelas ruas, bares e becos do Rio de Janeiro: O Samba. (BRANDÃO, 1999, p. 39).

Nasce o samba nos morros cariocas, representando a classe desfavorecida da sociedade naquele tempo, que seria a população que mora nos morros cariocas, dando uma espécie de voz àqueles que não tinham como se defender dos abusos públicos que vinham acontecendo.

A obra de Noel Rosa representa a passagem de uma música marginalizada, restrita aos guetos, a um novo conceito, no qual a poética da classe média urbana se harmonizava com os ritmos africanos até então estigmatizados ou vistos como menores. A letra de "Com que roupa?" já nos mostra os problemas que acontecia na sociedade naquele tempo. O eu lírico demonstra uma crise financeira que a sociedade brasileira enfrentava naquele tempo. Usando de sua ironia e irreverência, Noel Rosa cria uma sátira poética que representa as denúncias dos problemas que estavam acontecendo naquele tempo. Podemos perceber que a entonação rítmica e irreverente do compositor cria um paralelismo em seus versos; a busca dos acontecimentos é debochada e ao mesmo tempo alerta sobre os problemas que estavam acontecendo no Brasil. As ideias concatenadas na lírica de Noel Rosa são de simplicidade, de efeito harmônico e sedutor para o ouvinte. A fonética do registro urbano carioca era respeitada, pois a entonação estava ligada justamente no linguajar coloquial se atrelando ao ritmo harmonioso do samba.

Sua estrutura, como bem disse a autora Mayara Pinto, é em estribilho (repetição dos mesmos versos ou refrão) e mais duas estrofes poéticas atreladas ao ritmo que o refrão cadencia. O que se pode afirmar é a capacidade de Noel em observar a sociedade de sua época e transcrever os problemas sociais de seu tempo.

---

<sup>5</sup> Nicolau Sevcenko no livro *História da vida privada no Brasil Vol. 3*, nos explica como os cortiços começaram a ser destruídos no mandato do prefeito Barata Ribeiro, nos relatando assim: "As primeiras atitudes objetivando a eliminação dos cortiços cariocas mostravam-se tão tímidas quanto incapazes de reorientar para longe a moradia das populações expulsas. Pode-se supor com certa segurança que já na demolição do célebre Cabeça de Porco ó situado nas faldas do morro da Providência e posto abaixo pelo prefeito Barata Ribeiro em 1893 ó começaram a surgir os irônicos resultados iniciais colhidos pelo atropelo das intervenções republicanasó. (SEVCENKO, 1998, p. 141).

Noel Rosa é um homem de seu tempo, que registra os acontecimentos da sociedade através da <sup>6</sup>sátira poética para que todos possam vir a rir dos problemas que enfrentam. Sendo assim, para afirmar essa linha de nosso raciocínio, Antônio Candido nos auxilia em seu livro *Literatura e Sociedade*, nos relatando que a crítica é um exagero da verdade para chamar a atenção sobre os fatos que ela exprime, e nos alerta, dizendo que ela pode ser perigosa, pois um dia a reação sobre a crítica pode vir a ser efetuada. (CANDIDO, 2006, p.13)

No caso da canção de Noel Rosa, *“Com que roupa?”*, o autor se utiliza da sátira, estilo utilizado para criticar e ironizar a sociedade. Isso serviu para melhor dar ênfase em seu poema, construindo assim sua crítica para os problemas que a sociedade de seu tempo estava enfrentando.

Se viermos observar o poema, perceberemos esse jogo do poeta para conseguir o seu objetivo que é denunciar os problemas financeiros que todos estão enfrentando em sua época.

### Noel Rosa

Agora vou mudar minha conduta,  
 Eu vou pra luta, pois eu quero me aprumar,  
 Vou tratar você com força bruta, Pra poder me reabilitar.  
 Pois esta vida não está sopa, Eu pergunto Com que roupa?  
 Com que roupa. . .eu vou? Pro samba que você me convidou?  
 Com que roupa. . .eu vou? Com que roupa que eu vou?  
 Pro samba que você me convidou?  
 Seu português, agora, deu o fora, Já foi-se embora e levou seu capital.  
 Esqueceu quem tanto amou outrora, Foi no <sup>7</sup>Adamastor pra Portugal.  
 Pra se casar com a cachopa. Eu hoje estou pulando como sapo,  
 Pra ver se escapo, Desta praga de urubu.  
 Já estou coberto de farrapos. Eu vou acabar ficando nu.  
 Meu paletó virou estopa. Eu nem sei mais com que roupa.  
 Com que roupa que eu vou . . .

Nesse período, a economia mundial estava enfrentando uma forte crise, pois a bolsa de valores dos EUA havia enfrentado a maior queda financeira de todos os tempos, causando um colapso no bloco econômico capitalista, conhecido como a grande depressão ou crise de 1929. Noel Rosa vivenciou essa crise e *“Com que roupa?”*, seu primeiro grande sucesso, retrata justamente esse problema econômico mundial e, com a sua irreverência e ironia, demonstra os problemas que todos os brasileiros enfrentaram com aquela grande crise que durou até o fim da Segunda Grande Guerra. E esse quadro da economia mundial providenciou a Noel a retirada do estigma do samba da marginalidade.

<sup>6</sup> Antônio Martins, no livro *Arthur Azevedo: A palavra e o Riso: uma introdução aos processos linguísticos de comicidade no teatro e na sátira de Arthur Azevedo*, nos auxilia explicando o que é sátira dizendo: *“SATYRA*, composição poética, inventada para emendar costumes depravados, ou censurar & criticar obras de engenho. Segundo a mais provável opinião, Satyra se deriva da palavra latina Satur, que vale o mesmo que farto, ou cheio. E antigamente Satura lanx, era um prato, ou palangana, cheia das primícias dos frutos, que os antigos ofereciam a Ceres, & Baccho nos seus sacrifícios. E em razão desta Saturidade, ou abundancia, foi chamado de Satura, & depois Satira, & depois Satyra qualquer poesia cheia de remoques & ditos picantes (BLUTTEAU, tomo VIII) (MARTINS, 1988, pp. 29-30)ö.

<sup>7</sup> Percebe-se na poesia *“Com que roupa?”*, de Noel Rosa, uma intertextualidade com o livro *Os Lusíadas* de Luís de Camões, referindo-se ao conto V onde o Poeta português revela o Gigante Adamastor. Vejamos um pedaço da estrofe da epopeia Lusitana: *“Fui dos filhos aspérrimos da Terra, Qual Encelado, Egeu e o Centimano; Chamei-me Adamastor, e fui na guerra contra o que vibra os raios Vulcano; ...ö (CAMÕES, conto V, estrofe 51, 1998, p. 140).*

## 1 O samba, da marginalidade à arte.

A Professora Martha Abreu (UFF), em *Histórias musicais da primeira República*, nos diz:

Havia uma busca de demonstrar a insuficiência dos marcos das décadas de 1920 e 1930, classicamente eleitas como períodos de nacionalismo musical e os limites das interpretações se resumem a experiência cultural da Primeira República aos modelos importados da Belle Époque e o gosto pelo exótico. (ABREU, 2011, p. 72).

A autora vem nos auxiliar demonstrando como essa busca pelo nacionalismo brasileiro estava bem aflorada no início do século XX, e Noel Rosa vivia esse processo de encontro pela identidade nacional. O samba é um tipo de música rítmica que tem seu parente mais próximo no lundu africano, que se misturou às marchas de carnaval do século XIX. Como era de origem africana, essa música foi discriminada pela alta sociedade que não aceitava o samba como um estilo musical. A discriminação acontece porque o samba vinha dos morros cariocas, de uma classe desfavorecida e que não tinha voz e nem vez, pois os negros no século anterior eram vistos como um objeto e não como pessoas. Agora essa sociedade que via os negros como uma força de trabalho, estava sendo obrigada a vê-los como pessoas e isso ela não queria admitir, pois era uma recente transição de objeto para a condição de pessoa que a etnia africana estava passando. Então a sociedade não queria que os negros se manifestassem culturalmente e, por isso, cria meios para impedir que o samba se propague.

A liberdade recém-conquistada pelos negros é um problema no fim do século XIX e início do século XX, pois os negros não têm apoio do governo republicano para se incorporar no mercado formal de trabalho na sociedade. E isso causou um impacto social grave, pois sua cultura não era benquista pela classe favorecida. Daí veio o nascimento do movimento cultural da música popular brasileira, a partir dos conjuntos de músicas regionais, que veio a ser uma mola propulsora da música popular. O samba começa a moldar seu espaço no âmbito musical brasileiro, liderado por Ismael Silva e Nilton Bastos. Um dos mais famosos lugares de reuniões de sambistas é a casa de Tia Ciata, no morro do Estácio, na Tijuca. Noel convive com essa transição do samba e participa ativamente de sua ascensão como arte.

O livro *Histórias da vida privada no Brasil vol.3*, nos relata o seguinte:

O papel de liderança das mulheres delineava-se sobretudo junto às coletividades afro-brasileiras, organizadas como grandes parentelas e estruturadas em torno de cultos, danças e cânticos e dos primeiros agrupamentos carnavalescos ó os ranchos e cordões dos inícios do século. (SEVCENKO, 1998, p. 123).

Este pequeno parágrafo nos revela a importância de Tia Ciata para o samba, pois ela era uma das detentoras dos costumes afro-brasileiros, tanto culturais quanto religiosos, pois na cultura africana as mulheres eram que possuíam o conhecimento ritualístico religioso, e passavam os seus conhecimentos sobre as religiões e sobre a história do homem negro para os outros. Assim, Tia Ciata procurava fazer uma miscigenação entre culturas, expondo a cultura da classe desfavorecida que na época começava a chegar às classes mais bem posicionadas socialmente.

A classe favorecida começa a observar esse novo movimento cultural a partir dos anos 20 do século XX e a perseguição aos compositores sambistas diminui. Alguns compositores pertenciam à classe média alta carioca e prendê-los agora seria absurdo. Entre eles se encontra Noel Rosa. O que podemos observar é que os elementos da cultura popular de origem afro-brasileira eram desvalorizados e discriminados. Começam a ganhar o seu espaço dentro âmbito cultural brasileiro a partir do surgimento dessas subjetividades que se manifestam a favor dessa cultura emergente. As relações de poder são

evidentes nessa fase, pois a classe dominadora que rejeitava a cultura da classe dominada começa a fazer a miscigenação cultural dessas duas classes que antes não se aproximavam.

O romance de Paulo Lins, *Desde que o samba é samba*, comprova que o samba era visto como uma ação marginal, pois tinha suas raízes na cultura negra, que no início do século XX ainda não era benquista pela elite social que comandava o que era cultura ou não. Sendo assim, o samba viveu à margem da lei nas primeiras décadas dos novecentos. Nomes como Cartola, Pixinguinha, Ismael Silva, Nilton Bastos, Sinhô estão entre os cantores e compositores de samba na época. Dentro da obra de Paulo Lins, podemos perceber um cenário bastante providencial que comprova como não eram benquistas a cultura e a religião afro-brasileira no Brasil de 1900.

Valdemar passa anos sem entrar numa igreja pra rezar um pai nosso, uma ave-maria ou um credo. Na macumba, só vai no dia de Exu pra pedir a Seu Tranca-Rua do Cruzeiro das Almas proteção na rua, harmonia com as negas e segurança no lar. Besteiraí Eu é que não passo um domingo sequer sem igreja e uma quinta sem macumba, porque, se Deus não me der ouvido, Oxalá escuta. É melhor ter dois pais do que um só. E somente no Inferno é que eles não podem fazer mais nadaí Se o cabra foi parar lá é porque ele mesmo quis assimõ, pensava Tia Amélia, sentada num toco, perto do fogão de lenha. Escutava meio quilo de peito de vaca rechinar na panela de ferro. Tinha acabado de jogar mais um pouquinho de água, colocado as rodela de batata; ia dar mais uma horinha de nada, tirar do fogo, deixar a panela do lado do fogão para se manter quente até a hora de Valdemar almoçar. Era necessário dar a ele uma comida forte, já que desde a sexta-feira ficara só por conta de torresmo e outras besteiras de botequim. O máximo que bebera de bom fora um caldo de cana no Largo do Estácio, mas às vezes virava na Paraty direto. Um sacana. Não se passou muito tempo até Tia Amélia ter de descer o morro mentalizando Seu Tranca-Rua do Cruzeiro das Almas e Seu Tranca-Rua da Calunga Grande. É que uma vizinha chegara assustada, dizendo que Valdemar estava metido numa briga de navalha na zona.

(LINS, 2012, p. 27 - 30).

O Modernismo chega ao Brasil nas primeiras décadas do século XX e influencia o nosso Poeta da Vila, que se utiliza do linguajar coloquial existente no Estado Fluminense, encorajando o respeito pela linguagem não formal, causando um certo desconforto aos que defendiam o linguajar padrão. Noel se assemelha ao poeta paulista Oswald de Andrade, que vem também a realizar o mesmo processo em São Paulo, demonstrando as variantes linguísticas existentes em sua cidade. Diferente do poeta paulista, esse poeta carioca moderno vai além da variação linguística existente, confrontando os problemas sociais existentes da época e denunciando-os de forma divertida.

Como uma cultura tão odiada passou a ser amada tão rapidamente? O Brasil necessitava de uma identidade cultural, como já foi dito anteriormente, e tentou imitar a Europa, em especial a França, no final do século XIX e início do século XX, tentando sufocar o que crescia fortemente nas primeiras décadas do século. A *Belle Époque* é esse sufocar da cultura popular que existia, sendo assim imposta pela classe mais alta às outras classes, tentando de alguma forma forçar que a cultura europeia, em especial, como fora dito, a francesa, servisse de exemplo para o Brasil, tentando fazer esquecer as músicas populares que cresciam na época. Dentre elas estava o samba. A dificuldade da elite foi fazer com que os jovens de classe média alta não fossem assistir às rodas de samba que eram promovidas nos morros cariocas. Essa dificuldade resultou numa defesa pela cultura considerada de baixo calão pela elite carioca.

A elite não esperava que um maestro da música clássica subisse o Morro da Mangueira para ouvir Cartola, um homem de pouca instrução, e relatar o que Villa Lobos veio relatar com uma frase que

fez com que o samba fosse visto não como cultura de preto, mas, sim, cultura de um país: ãÉ o erro mais bonito que já ouvi. Com essa declaração de Villa Lobos o samba começa a ser visto com outros olhos pelos governantes e pela classe majoritária do país. Finalmente, assim começa a ganhar o seu *status* de arte na sociedade brasileira, aderindo não apenas negros na estrutura sambista.

Dentro desse processo a subjetividade de Noel Rosa se encontrava e produzia suas obras, que vieram a explodir no início da década de 30 com o samba: *Com que roupa?* Seu primeiro grande sucesso como já foi bem dito. A arte poética dos sambas de Noel está na compreensão que esta subjetividade tinha dos acontecimentos sociais e culturais que se expressavam no momento. Isto era fundamental no poema. O eu lírico demonstra a capacidade de reconhecimento dos problemas sociais que todos enfrentavam. O jeito debochado e descontraído é um estilo bem pensado e distribuído no poema para melhor chamar a atenção de seu público, e que a mensagem que o eu lírico quer transmitir possa ser bem entendida pelo seu receptor. A poesia vai além do autor que a produz, e as poesias de Noel foram além.

O samba assim deixa de ser um ato criminoso para ser uma arte que vem unir as classes altas e baixas. Essa união de classes não foi uma transição fácil, pois os preconceitos tanto sociais quanto raciais eram fortes, vindos da classe privilegiada. A turbulenta convivência das classes se fazia necessária naquele período de unificação da cultura popular para que a dialética cultural acontecesse. O confronto de ideias se fazia necessário para existência dessa nova arte que aflorava. Sendo assim, o samba vem a se destacar no final da década de 20 e início da década de 30. Devido à crise ocorrente no país e no mundo por causa da quebra da bolsa de Nova Iorque (EUA), Noel é um dos sambistas que se destaca por um dos seus sambas, que transmite irreverência ao tratar dos problemas econômicos e sociais ocorridos. O samba começa enfim ganhar seu *status* como arte no Brasil a partir da ãaceitação de uma miscigenação cultural que até então não se apresentava e tampouco era aceita pela classe privilegiada. E desse modo o samba se torna a identidade cultural brasileira.

## 2 A crise cafeeira e a sua ajuda para a ascensão do samba.

A crise cafeeira foi um estopim para o novo gênero musical, que apresentava de maneira cômica os problemas sociais ocorridos e que estavam diretamente relacionados à economia brasileira que, até 1965 dependia muito da agricultura, principalmente dos grãos de café. Os problemas internos do país se agravaram levando o Brasil a um colapso social e econômico. As críticas aos governantes eram duras e vexatórias, dando espaço para que as rodas de samba viessem a criar, de maneira irônica e humorada, o seu espaço dentro da cultura popular brasileira. Noel aproveita a oportunidade que lhe foi dada dentro de um cenário caótico que o Brasil enfrentava naquele momento. O lirismo proposto por ele vem descrevendo o homem voltado para o divertimento, mas que observa o que acontece ao seu redor, não estando alheio à política econômica e social de seu tempo.

O estereótipo do malandro veio a ser personificado na poesia sambista por causa da falta de emprego e moradia que havia na capital da República, que até 1960 era o Rio de Janeiro. Este estilo musical veio a ser a voz dos desprovidos da capital do Brasil de 1929 a 1938. A crise econômica que o país estava enfrentando deu o espaço que não havia para o gênero musical nascido nos terreiros de umbanda e candomblé. Um estilo perseguido, insultado e humilhado por ter saído da favela, recinto da classe desprovida da capital e por ser oriundo também da cultura afro-brasileira. Vislumbrando o que já foi tratado no artigo, podemos visualizar o cenário que Noel tinha para elaborar seus poemas sem escapar do estereótipo que o mesmo havia criado para o seu lirismo.

O Brasil enfrenta uma crise econômica de superprodução de seu principal produto de exportação na década de 20, o café. Este produto perde mercado a partir de 1926 e, com a grande depressão americana de 1929, o Brasil sofre um duro golpe econômico, causando desemprego, falência de fazendeiros e indústrias ligadas a esse produto de exportação. As especulações sobre o café brasileiro eram imensas, pondo em dúvida sua qualidade. O país apenas tinha nesse período esse produto de exportação forte que atendia boa parte do mundo. Com as

especulações, o Brasil perde clientes para o seu produto, causando estocagem no porto. A crise de *Wall Street* causa um abalo na economia brasileira, pois os EUA eram um de seus maiores importadores de café.

Tendo esse cenário econômico desconfortável em suas mãos, Noel Rosa insere o personagem malandro em sua lírica para melhor acentuar a gravidade e também debochar desses mesmos problemas. O deboche bem humorado retratava os problemas que a sociedade enfrentava, caindo assim no gosto popular. Percebemos na monografia do economista Célio Borba May, (UFSC), *A industrialização no Brasil: uma análise histórica e econômica de suas origens*, os fatos primordiais para a crise cafeeira de 29; que veio a ser a superprodução do café brasileiro e a falta de clientes internacionais para seu consumo.

Proclamada a República no ano de 1889, veio ao poder uma imensa gama de profissionais liberais e de comerciantes que se deslocaram de posição soberana dos proprietários rurais. Aqueles grandes fazendeiros de café conjuntamente com os comerciantes relativos ao comércio externo, exerceram seu poder político para que houvesse uma descentralização e autonomia dos estados e cidades, o que se alcançou com a Constituição de 1891. Assim, os cafeicultores passaram a dominar aqueles estados produtores de café e, por intermédio destes, dirigir a política econômica do país até o ano de 1930. (FURTADO, 1981, p. 119). De seu turno, assinala Aureliano (1981, p. 15) que entre os anos de 1919 e 1929, o capital cafeeiro conheceu uma notável expansão, vez que a produção média cresceu 14,1 milhões de sacas entre 1914-1915 e também entre 1918-1919, para 24,2 milhões entre 1929 a 1930 e 1933 a 1934. (MAY, 2009, p. 6).

Essa crise financeira brasileira de superprodução e boicotes internacionais sobre o principal produto brasileiro acarretou na quebra da economia da oligarquia cafeeira. Os problemas sociais que eram ocultados vieram a aparecer no momento da crise, dando a oportunidade para manifestações populares, que encontraram no samba, estilo musical marginalizado, uma maneira de se opor ao regime político do Brasil naquele momento. Compositores sambistas viram um meio de adentrar no cenário cultural brasileiro a partir desse apoio popular que veio pela necessidade de modificar os problemas políticos e sociais brasileiros. A voz dos emergentes começa a ser entoada de tal forma que a elite oligárquica não consegue controlar. A entonação dos desprovidos se manifesta na voz, na melodia e na poesia de Noel Rosa.

O sistema de produção capitalista se volta contra ele mesmo no ano de 1929. Noel, homem de seu tempo, percebe estes acontecimentos de sua sociedade e transcreve em seu lirismo o real sentimento do povo. Este sentimento se dá pela malandragem e simpatia da personagem lírica dele que retrata a postura dos homens do Rio de Janeiro. Estes homens não estão na alta classe. Estes homens estão nos morros, sem empregos e moradias dignas. Para sobreviverem, muitas vezes, cometem atos ilícitos, como já citamos no artigo. Eles utilizam de sua simpatia e boa lábia para atingirem o seu objetivo.

O poeta da Vila percebe muito bem estes homens e utiliza a sedução natural deles para compor o seu eu lírico que vem no intuito de também seduzir a população. Esta intenção dá tão certo que o próprio poeta percebe que todos se identificam com o eu lírico de sua poesia. O nascimento do malandro como símbolo nacional veio dessa percepção poética dele. O que antes não era dito, nem tão pouco defendido, passa a ser visto a partir de uma ótica que não tinha lugar no *status* social brasileiro. Isso gera um desconforto no sistema governamental do Brasil, que vê sua população aderir a uma imagem vista como marginal, criando-a como seu símbolo contra os meios utilizados pelo governo oligárquico.

Noel não foi o primeiro poeta a inserir o malandro na cultura. Manuel Antônio de Almeida, em seu livro *Memórias de um sargento de milícias*, o insere dentro desse cenário literário. Entretanto, ele não tinha a força necessária para se tornar um símbolo nacional como se tornou em 1929. O que propiciou a identidade do bom malandro, tirando dele a carga de um ser marginalizado e colando a de um ser

incompreendido, debochado, mulhereço e bem argumentativo para sair de ciladas. O livro *Memórias de um sargento de milícias* já cria, em 1852 e 1853, esse estereótipo, sendo que apenas no início do século XX ele é bem utilizado pelos poetas para debochar dos problemas financeiros do Brasil e criticar o governo oligárquico que não conseguia resolver a sua crise interna e externa.

Antônio Candido em, *Dialética da Malandragem* nos diz:

Nas memórias, o segundo estrato é constituído pela dialética da ordem e da desordem que manifesta concretamente as relações humanas no plano do livro, do qual forma o sistema de referência. O seu caráter de princípio estrutural, que gera o esqueleto de sustentação, é devido à formalização estética de circunstâncias de caráter social e profundamente significativas como modos de existência; e que por isso contribuem para atingir essencialmente os leitores. (CANDIDO, 1970, p. 77).

Lógico que ele se refere ao livro de Manuel Antônio de Almeida, mas sua análise pode se encaixar perfeitamente no lirismo de nosso Poeta da Vila, que tinha o intuito de demonstrar essa ordem e desordem na sociedade brasileira em seu tempo.

Ao lermos o capítulo *Sociedade do Medo*, do livro *Capitalismo Parasitário*, de Zygmunt Bauman, podemos perceber o quanto o conflito é necessário para a existência do capitalismo. O medo que o capítulo retrata, as sérias perdas que teríamos se não compactuássemos como uma engrenagem de sustentação para própria existência do processo capitalista. (BAUMAN, 2010, pp. 73-81) E o desenvolvimento desse medo seria o consumismo, que na época de Noel Rosa não era tão grande, mas existia. O que esse artigo vem relatar é que esse medo teve sua origem baseada na criação da sociedade moderna e vem crescendo gradativamente conforme as tecnologias avançam.

E o contraste da ordem e da desordem do malandro se fez bem necessário, causando na população um parâmetro a se pensar, e o que poderia ser algo desagradável, passa ser algo agradável pela maneira que a proposta sambista se apresenta ao público. Essa maneira debochada e empolgante valoriza o gênero musical dentro do cenário artístico brasileiro, que, até aquele momento, se via como ato criminoso, música da escória e coisa de negro. Mudar este estereótipo do estilo musical não foi fácil, mas enfim o samba consegue se consagrar enfrentando todo tipo de preconceito que existia a seu respeito.

## Considerações Finais.

Conclui-se que a sociedade se adapta às novas atitudes pelo referencial que a mesma obtém. Esse referencial expõe os fatos sociais e as classes envolvidas, demonstrando sua dialética. A crítica social é feita de maneira cômica pela referência que se preocupa em relatar os fatos sociais de seu tempo; esses fatos são um embate até nos dias de hoje, nos mostrando que nada foi feito pelas autoridades aos desprovidos de nossa cidade ao decorrer dos anos.

O movimento cultural popular foi apenas respeitado quando um jovem branco de classe média o defende dentro do quadro cultural e social do país. A sua importância para esse cenário em particular seria da representação de uma quebra de tabu que ainda estava sendo imposto pelo século anterior, que via pessoas como mercadoria e, sendo mercadorias, não podiam obter cultura. Essa transição de produto para cidadão dentro dessa sociedade, que estava sendo obrigada a aceitá-los, não foi fácil para ambos. A proibição das manifestações culturais e religiosas dos negros de nosso país viraram decretos de lei de ordem pública naquele tempo, causando a cassação de sambistas e sacerdotes da religião afro-brasileira.

Esse fato histórico-social vivido por Noel Rosa influenciou muito na composição de seus sambas, que retrata as efervescentes dicotomias sociais que na época vinham se apresentar. Sua perspicácia está em relatar essa dicotomia pela transitividade da ordem e da desordem, espelhando-se o eu lírico de seus poemas na personagem de um malandro. A entonação dos desprovidos da sociedade ganha seu espaço na música através da voz dessa personagem cômica e caricata criada pelo Poeta da Vila, que vem a perceber sua utilidade para criticar os problemas sociais que estavam acontecendo.

O que seria de fato essa entonação? A entonação seria uma oportunidade das classes populares de se manifestarem dentro daquela sociedade, e essa oportunidade se concretiza através dessa caricatura malandra que entoa e retrata a vida cotidiana da classe desfavorecida da sociedade. Percebe-se nos poemas essa preocupação de relatar os problemas vividos, dando uma voz para aqueles que não tinham seus direitos estabelecidos, apenas seus deveres.

Essa entonação provocante, sedutora e ao mesmo tempo irreverente, revela, para aqueles que não a conheciam, a existência de uma sociedade à parte, que obtém suas próprias regras e valores, já que a alta sociedade a rejeita dentro das suas. Isso causa um choque e um interesse por esse ômudo desconhecido que se mostra em um grito clamoroso através do samba. O samba seria a identidade que o desprovido procura criar, pois sendo rejeitado e discriminado, ele tenta dizer que existe e quer seu espaço de algum modo no meio do quadro social existente. Percebe-se a importância de Noel, pois ele tem a capacidade de notar essa vontade que os desprovidos têm de serem reconhecidos e a curiosidade da alta classe em conhecer esse mundo novo que se apresenta aos seus olhos.

A percepção do poeta é gigantesca, pois ele exprime a aproximação dos majoritários e dos minoritários de maneira cômica, realista e com um bem em comum, que seriam os problemas financeiros que estavam sendo enfrentados por todos naquele momento. Esse forte interesse faz com que as classes se aproximem e, com isso, a favela chega ao asfalto. O preconceito é evidente naquelas primeiras décadas do século XX e fazia com que a sociedade enxergasse homens que até bem pouco tempo atrás não eram vistos como tais e, sim, como produtos, mercadorias.

Esse conflito é vantajoso para o poeta, pois faz com que ele procure demonstrar para os favorecidos a realidade dos desfavorecidos. A letra do samba "Com que Roupa?" é exatamente a demonstração dos problemas vividos pelas pessoas das classes menos favorecidas. A crise de 1929 contribui para que a alta classe enxergue os problemas sociais que toda sociedade estava enfrentando.

Noel, não sendo negro, e também não pertencente à classe desfavorecida, contribui para que a sociedade viesse a notar o gênero musical sem querer atacá-lo. Isso vem auxiliar que outros compositores pudessem ser vistos pela sociedade carioca. A importância desse poeta para música popular brasileira é grande, pois ele quebra um paradigma que existia e propõe um novo dentro do quadro cultural brasileiro. Esse paradigma é baseado na estrutura modernista, embora a música popular brasileira seja desconsiderada como poesia pelos cânones literários, fazendo que Noel não seja visto como poeta modernista que é.

O que pode ser afirmado nesta pesquisa é que o poeta da Vila se assemelha ao poeta paulista Oswald de Andrade, pois os dois poetas se preocupam em expressar as variantes linguísticas existentes em seus estados, garantindo que o linguajar coloquial possa ser respeitado pela linguagem padrão. Os dois poetas buscam nessas expressões uma maneira de se comunicar com o público, respeitando a maneira com que ele se comunica. A influência do movimento modernista brasileiro é bem evidente nas letras de

samba de nosso autor que se aproxima de um gênero musical marginalizado pela alta classe para melhor mostrar a mudança do linguajar fluminense.

A proposta feita neste artigo é a de observarmos esse jovem que vem a perceber com nitidez a mudança do linguajar dos cariocas, superando Oswald em relatar também em seus poemas os problemas sociais existentes. Noel é sem dúvida um poeta modernista mesmo não tendo o reconhecimento devido, pois sendo ele um compositor de música popular e de gênero marginalizado é que vem atrapalhar a sua ascensão no mundo literário. E com isso temos a certeza da importância dele tanto no mundo musical quanto na literatura brasileira. Noel Rosa: A entonação dos desprovidos vem certificar que esse poeta utiliza do linguajar coloquial carioca para fazer críticas sociais através de sátiras poéticas e nelas há um eu lírico que mostra a ordem e a desordem da sociedade brasileira de maneira divertida e utilizando-se de um gênero musical para melhor chegar ao público. A linguagem fácil faz com que suas músicas caiam no gosto popular, que adere com facilidade à defesa desse gênero musical nascido dos morros cariocas, que vem a ser o samba. A união da favela com o asfalto se dá pela necessidade da sociedade naquele momento de crise existente.

Noel retrata como a política capitalista é predatória e causa as divisões das classes sociais, provando, através de um eu lírico que vem denunciar através de sua malandragem, esse contraste social existente na Capital do Brasil. Ele auxilia na retirada da marginalidade de um gênero musical popular e eleva o seu *status* dentro do quadro social brasileiro, dando uma voz aos desprovidos, aqueles que estavam sendo ignorados e desrespeitados pela sociedade elitizada. A voz dos morros cariocas é, enfim, ouvida através do samba do Poeta da Vila, que busca retratar a dura vida das classes menos favorecidas da Cidade Maravilhosa. As denúncias satíricas dele podem ainda ser aproveitadas para os dias atuais, pois a classe desprovida ainda é ignorada e marginalizada criando os seus meios para sobreviver, sendo uma sociedade dentro de outra.

## Referências Bibliográficas

ABREU, Martha. **Histórias musicais da Primeira República**. ArtCultura, Uberlândia, V. 13, Nº 22, pp. 71-83, jan.-jun. 2011.

BRANDÃO, Anderson Figueredo. **Entre as ruas, bares e becos: ecos e histórias na música popular brasileira**. Dissertação de Mestrado em Literatura Comparada apresentada à coordenação dos cursos de Pós-Graduação em Letras da UFRJ. Rio de Janeiro, 1999, 163 fls. mimeo.

BAUMAN, Zygmunt. **Capitalismo Parasitário**. Editora Jorge Zahar, Tradução Ed. 1ª, Rio de Janeiro, 2010.

CAMÕES, Luís. **Os Lusíadas**. Editora Escala. Ed. Comemorativa, São Paulo, 1998.

CANDIDO, Antônio. **Literatura e Sociedade**. Editora Ouro Sobre Azul, Ed. 9ª, Rio de Janeiro, 2006.

CANDIDO, Antônio. **Dialética da Malandragem**, (caracterização das Memórias de um sargento de milícias) ãin: Revista do Instituto de estudos brasileiros, nº 8, São Paulo, USP, 1970, pp. 67-89.

LINS, Paulo. **Desde que o samba é samba**. Editora Planeta, Ed. 1ª, São Paulo, 2012.

MARTINS, Antônio. **Arthur Azevedo: A palavra e o riso: uma introdução aos processos linguísticos de comicidade no teatro e na sátira de Arthur Azevedo**. Editora perspectiva, Ed. 1ª, São Paulo, 1988.

MAY, Célio Borba. **A industrialização no Brasil:** Uma análise histórica e econômica de suas origens. Monografia submetida ao Departamento de Ciências Econômicas para obtenção de carga horária na disciplina CNM 5420, UFSC, Florianópolis, Junho de 2009.

PINTO, Mayara. **Noel Rosa:** Uma poética do Samba. *ArtCultura*, Uberlândia, V. 13, N. 22, pp. 103-116, jan.-jun. 2011.

SEVCENKO, Nicolau. **História da vida privada no Brasil.** Vol. 3. Editora Companhia das Letras, São Paulo, 1998.

### **NOEL ROSA: THE INTONATION OF LACKING**

**Abstract:** This article shows a reflection over the poetic concept of samba by Noel Rosa in the social perspective, whose theme is the poor people of Rio de Janeiro city, on the late 20 and early 30s of XX century, and as the poorer classes of this city has been revealed through their songs. Antonio Candido, Nicholas Sevcenko, Mayara Pinto, Anderson Brandão, Marta Abreu, Celio Borba May, Paulo Lins, Zygmunt Bauman, Luís de Camões and Antonio Martins come to aid us in the historical and social understanding of the poems written by the poet Noel Rosa at his time. It is presented in poetry a lyrical "I" that appears as a trickster and oscillates from order to disorder of Rio society.

**Key-words:** Noel Rosa, trickster, order and disorder.

Recebido em 22/12/2014.

Aceito em 31/12/2014.